

# Uma proposta de metodologia de ensino pautada na emancipação humana: fundamentos filosóficos e linguísticos para o tratamento da variação e do preconceito linguístico

## RESUMO

**Breno Alves dos Santos Blundi**  
[brenoblundi@outlook.com](mailto:brenoblundi@outlook.com)  
Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

**Alex Junior dos Santos Nardelli**  
[alex.nardelli@hotmail.com](mailto:alex.nardelli@hotmail.com)  
Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

O artigo que se segue tem por objetivo central propor uma atividade didática pautada em uma metodologia que trabalhe com a emancipação humana, visando a superação do preconceito linguístico e tratando da variação linguística em sala de aula. Para tal, os autores se valeram dos estudos de autores como: MARX (1968); CHAUI (1999); GARCIA (2012); SAVIANI (2013;2017); GASPARIN (2013); BLUNDI, NARDELLI (2018), dentro outros. O problema que norteou a pesquisa é: como superar o preconceito linguístico reproduzido na educação capitalista através da metodologia de trabalho docente-discente proposta por Gasparin (2013)? É esperado que com este artigo professores da rede pública e privada consigam refletir sua própria prática pedagógica e tentem se apropriar, através das metodologias de ensino disponíveis que seja benéfica para o desenvolvimento do educando de maneira ampla, científica, sistêmica e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação capitalista. Metodologia de ensino. Preconceito linguístico. Variação linguística.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, os autores preocuparam-se em analisar a relação entre a educação capitalista e o preconceito linguístico na sala de aula. Para isso, este artigo é baseado em alguns fundamentos filosóficos e linguísticos, os quais possibilitam a análise da educação a partir da influência do capitalismo e quais os pontos positivos e negativos. Desse modo, este artigo encerra uma das discussões levantadas pelos autores, principalmente, no que diz respeito a pontos convergentes e divergentes entre as ideias filosóficas e as linguísticas para o tratamento da variação, mudança e preconceito linguístico em uma sala de aula. Assim, nossa proposta é compreender de que maneira a educação capitalista reproduz o preconceito linguístico nas escolas e como os professores devem tratar esta problemática desenvolvida pelo capitalismo.

Nessa perspectiva, esse artigo retoma alguns fenômenos da educação capitalista trabalhados no artigo anterior e se apropria da metodologia de ensino desenvolvida por Gasparin (2013), denominada Metodologia de Trabalho Docente-Discente, desenvolvida a partir do método pedagógico desenvolvido por Saviani (2013), denominado por Pedagogia Histórico Crítica. Os autores responsáveis por embasarem o desenvolvimento das reflexões são: Marx (1968); Chauí (1999); Garcia (2012); Saviani (2013;2017); Gasparin (2013); Blundi e Nardelli (2018), dentro outros.

O objetivo central da pesquisa é propor uma atividade didática pautada em uma metodologia que trabalhe com a emancipação humana, visando a superação do preconceito linguístico. Os objetivos específicos visam: i) analisar os ideais do capitalismo e a sua formação hierárquica de sociedade; ii) compreender os dois modelos disponíveis de educação na contemporaneidade; iii) analisar a valorização do ensino tecnicista e a instrumentalização do ensino de línguas; iv) propor uma atividade didática pautada na metodologia de trabalho docente-discente. O problema que norteou a pesquisa é: como superar o preconceito linguístico reproduzido na educação capitalista através da metodologia de trabalho docente-discente proposta por Gasparin (2013)?

É esperado que com este artigo que encerra o debate dos autores acerca do preconceito linguístico, os docentes, pesquisadores e discentes, que entrarem em contato com essa pesquisa, reflitam sua própria prática pedagógica e comecem a tentar se apropriar, através das metodologias de ensino disponíveis, de uma que fundamente sua discussão na sociedade e que seja benéfica para o desenvolvimento do educando de maneira completa, científica, sistêmica e social.

### 1. OS IDEAIS CAPITALISTAS E A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE HIERÁRQUICA: CONTEXTO HISTÓRICO

A princípio, para que se possa iniciar a reflexão proposta para este artigo, vale ressaltar o modo como o qual os seres humanos se identificam como seres racionais e que diferente dos animais, conseguem alterar, mudar ou adaptar a natureza conforme suas vontades. Marx e Engels (2001), ressaltam que os seres humanos conseguem, ao seu modo e ao seu favor, adaptar a natureza, assim, a partir do momento em que os seres humanos começam a produzir - a partir do trabalho, se tornam independentes da natureza, mas retornam a ela, moldando-a quando necessários, para extrair e produzir materiais e trabalho; deste modo,

(GUEDES, 2005 apud BLUNDI; NARDELLI, 2018) também evidencia que o fato do homem se apropriar da natureza e poder modificá-la conforme seus desejos e necessidades, o faz diferentes dos outros animais, sendo considerados seres sociais e historicamente modificados a partir do trabalho.

Se é a partir do trabalho que o homem se define como um ser social e historicamente existente, é também, a partir dessa atividade, que o homem instaura uma relação de desenvolvimento. Significa dizer que na relação laboral que se instaura dentro da sociedade humana, o homem educa e se educa, ao mesmo tempo, também desenvolve suas aptidões por meio do trabalho, se apropriando da cultura humana.

Conforme a própria evolução do homem e da sociedade, a produção do trabalho e o aumento da complexidade das relações sociais, contribuíram para a formação de uma intrínseca rede existencial que fez com que, em primeira instância, houvesse uma divisão social do trabalho, tal divisão cooperou para a implementação das propriedades privadas de terra, além da divisão social em duas classes: os proprietários e dos não proprietários.

A dicotomia entre estas duas novas classes sociais, ultrapassam os limites do puramente social, ou seja, além da singularização instaurada no meio das relações sociais (diferentes classes, diferentes meios sociais, sendo estreitamente proibida a livre passagem de um meio para outro), o advento da propriedade privada contribuiu para a exploração do trabalho das classes dos não proprietários, dado que, desprovidos de riqueza, acabam por se tornarem a classe dominada e, por conseguinte, a classe explorada.

A divisão da sociedade e também a divisão do trabalho no capitalismo, cooperaram para o surgimento da conceptualização do que é considerado trabalho manual (braçal) e trabalho intelectual, em outras palavras, o trabalho de quem executa e o trabalho de quem concebe o que será executado. A partir do momento em que houve uma separação entre o que é laboral e o que é concebido intelectualmente, dentro do âmbito educacional, esta ramificação proporcionou a origem da escola, contudo, a educação aplicada dentro deste contexto escolar, respeitava os princípios laborativos.

Assim, de modo geral, sobre a desenvolvimento da sociedade, o crescimento da população marcou a ascensão das comunidades e também o surgimento de novas formas de organização social, neste contexto prevalece a relação hierárquica entre grupos superiores e grupos inferiores. Algumas áreas do conhecimento, como a medicina, arquitetura e a jurisprudência, mantinham uma relação de confiança e fidelidade mútua, criando, assim, a corporação de ofícios, isto é, uma nova classe social, cuja relações internas baseiam-se na ideia de hierarquia e supremacia, na qual os membros poderiam ascender ou descender conforme a relação instaurada dentro do próprio grupo, logo, tais grupos se tornaram meios sociais economicamente e politicamente dominantes.

## **2. OS DOIS MODELOS DE EDUCAÇÃO**

O processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista, não é linear, ou seja, é permeado de contradições. Em que pese o alto investimento em

tecnologias, o capital ainda se mantém da exploração da força física e intelectual dos trabalhadores. Portanto, a muda na aparência, mas na essência permanece a mesma lógica – exploração dos meios de produção, exploração da força de trabalho e acumulação. Se vivemos em uma sociedade sem empregos, na atualidade, isso deve-se ao fato que de tempos em tempos o capital precisa reorganizar o seu modo de produção para superar as crises cíclicas e inerentes desse modo de acumulação de riqueza. Uma sociedade sem empregos, significa uma sociedade com um grande exército de mão de obra de reserva, fundamental para que o capital desqualifique a força de trabalho, reduza os seus gastos com o salário e recupere o lucro e a acumulação.

A tecnologia proporcionou ao capitalismo maior flexibilidade na produção e reprodução da força de trabalho, devido a fatores como, por exemplo, aumento da produção em menor tempo, diminuição da quantidade de mercadorias estocadas, desemprego em massa e diminuição dos gastos com salários e direitos trabalhistas.

Com efeito, o capitalismo gerou uma nova organização industrial em moldes distintos aos que vinham sendo implantados até o momento; da segunda metade do século XX em diante a organização do trabalho foi moldada conforme a divisão social emergente naquela época. A separação existente entre as classes: intelectuais, trabalhadores, dirigentes e executantes, segundo Chauí (1999), proporcionou uma nova visão e conceitualização de trabalho e também de educação.

Os intelectuais/dirigentes são os indivíduos que se destacavam dentre os membros da sociedade, ora por questões econômicas ou políticas, sendo estes os detentores do saber científico e intelectuais por conseguirem idealizar o trabalho que será executado pelos trabalhadores/executantes. Neste segundo grupo, por assim dizer, os membros não eram portadores de conhecimento científico ou sistematizado, estes serviam apenas como mão de obra para a execução do trabalho pensado pelo primeiro grupo; os trabalhadores são considerados apenas peças que executam tarefas que não necessitem de um conhecimento muito profundo, ou seja, no capitalismo os trabalhadores não precisam, em prática, de saber a finalidade, origem ou razões de suas atividades, mas apenas o processo de construção e desenvolvimento do produto final. Assim, a dicotomia instaurada neste contexto, fez com que os intelectuais/dirigentes fossem destinados a mandar, enquanto aos trabalhadores/executantes obedecer.

No capitalismo, afim de sistematizar o conhecimento tecnológico, a escola surge com a função de socializar o conhecimento científico e sistematizado, mas em modos distintos a depender da classe social. A divisão entre os intelectuais/dirigentes e trabalhadores/executantes, fez emergir dois tipos de escola, uma exclusiva aos membros da classe dominante (burguesia) e outra voltada para a classe explorada (proletário). A primeira dedicava-se ao desenvolvimento intelectual, científico e político dos alunos, tornando-os cidadãos que ocupariam altas classes da sociedade (diretores, políticos, chefes, cientistas, donos de empresas etc.), a segunda, ao contrário, pautava-se na adequação e na adaptação dos trabalhadores segundo os moldes tecnológicos das empresas e o engessamento de uma ideologia capitalista com foco, exclusivamente, no capital, se tornando uma escola para a regulação da exploração entre as classes sociais.

Orso (2012), concebe a educação como uma das formas com a qual a sociedade educa e adapta seus membros conforme as relações sociais e laborativas de determinados meios, desta maneira, a escola seria, se não, a própria concretização da realidade social de um determinado grupo (ou de modo mais abrangente, a escola também é reflexo das características de um momento social, político ou econômico). Portanto, pensando desta maneira, no capitalismo, a escola educa para a regulação do sistema político-econômico vigente. Em outras palavras, a escola proporcionaria um ensino voltado para a classe dominante, sendo diferente ao da classe trabalhadora; o primeiro dedicar-se-ia a um ensino científico e especializado em determinadas áreas do conhecimento, enquanto o segundo seria um ensino técnico e menos reflexivo, mas mais prática e tecnicista.

### 3. VALORIZAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO TECNICISTA: O ENSINO DA LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO

O primeiro modo de compreendermos o ensino da língua materna, se enquadra ao que apresentamos anteriormente como: “modelo dos ricos”; nesta perspectiva, o ensino da língua é centrado no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, principalmente os filhos dos nobres e burgueses, tendo como objetivo, não o ensino e a reflexão sobre a pluralidade de conhecimento e história da humanidade, mas sim a liberdade e o incentivo ao pensamento como promotoras da formação dos bons costume (domínio da natureza humana), por meio de disciplina sistemática. Em resumo, a educação dos gentlemen, ou seja, das classes mais abastadas, a educação baseava-se na seguinte premissa:

Ninguém está obrigado a saber de tudo. O estudo das ciências em geral é assunto daqueles que vivem bem e que dispõem de tempo livre. Os que dispõem de empregos particulares devem entender de suas funções e não é insensato exigir que pensem e raciocinem somente sobre aquilo que se refere a sua ocupação cotidiana (LOCKE, 1986, p. 18 apud GARCIA, 2012, p. XX).

Desta maneira, a educação, segundo as ideias de Locke, evidenciava uma diferenciação dentre os membros da sociedade; em um panorama geral, como o apresentado anteriormente, sobre a educação das classes dominantes.

Em relação aos membros das classes trabalhadoras, Locke previa um modelo de educação pautado na ideia tecnicista do trabalho. Isto é, um modelo de educação cujos conteúdos pautavam-se, exclusivamente, naqueles necessários para a execução de tarefas no ambiente de trabalho, reparo de maquinário e frases prontas e sintaticamente simples que proporcionasse aos trabalhos. Em síntese, um tipo de conhecimento suficiente para executarem suas obrigações cotidianas e o desenvolvimento das habilidades braçais.

Para esta classe, Locke prevê o ensino da língua materna, de maneira que esses conseguissem ler e escrever suficientemente bem, além de conseguirem resolver pequenos e simples problemas matemáticos; sobre o ensino de língua estrangeira, principalmente o inglês, o pensador menciona que ela deve ser ensinada com um viés mais comunicativo, a gramática inglesa, mesmo que não a excluindo, deveria ser deixada a margem, pois o objetivo do ensino de inglês, era a emancipação dentro dos próprios contextos de trabalho dos pobres. Vale

lembrar, que na Inglaterra em que Locke viveu, a língua inglesa se tornou língua nacional, pois, naquele contexto os Estados Nacionais estavam em fase de desenvolvimento. Portanto, a apropriação da língua nacional estava reservada aos que tinham tempo para se dedicar aos estudos, enquanto a classe trabalhadora se comunicava apenas nas línguas maternas, ou nativas.

Assim, refletindo ainda sobre o pensamento de Locke, no que diz respeito a dicotomia instaurada entre o modelo de ensino para os gentlemen e para os filhos dos camponeses, o filósofo incentiva o surgimento de um ensino tecnicista. O posterior crescimento do capitalismo na Inglaterra do século XVII, apenas intensificou este pensamento, pois, devido ao fortalecimento da burguesia, os trabalhadores se viam obrigados a se dedicar ao trabalho, pois, neste contexto, a escola e educação já haviam se tornado referências para a diferenciação das classes sociais emergentes; a nobreza e a ascendente burguesia, buscava sua autonomia econômica e para isso deveriam se evidenciar perante as classes menos favorecidas, desta maneira:

Enquanto para os nobres e burgueses havia uma preocupação com a formação de um espírito crítico e autônomo, para os trabalhadores restava uma educação rígida, de valorização das artes mecânicas e de adaptação aos interesses do mercado. Uns eram ensinados para mandar e os demais para obedecer sem questionar. A educação era uma forma de diferenciar as pessoas. Isto estava muito claro para Locke. Se hoje há um discurso influenciado pelas ideias neoliberais, afirmando que a educação é imprescindível para a sobrevivência do indivíduo no mercado de trabalho, o pensador de Bristol a via como elemento importante na conquista e manutenção do poder. (GARCIA, 2012, p. 371).

#### 4. PROPOSTA DE ATIVIDADE: PROJETO DE TRABALHO DOCENTE-DISCENTE

Com base nos pressupostos elucidados acima, vamos agora apresentar uma proposta de atividade fundamentada no Projeto de Trabalho Docente-Discente, proposto por Gasparin (2013), desenvolvido através do método intitulado, Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvido por Saviani (2013).

O papel do professor reflexivo como visto anteriormente é, em suma, o desenvolvimento de uma prática pedagógica pautada na criticidade e na formação de indivíduos emancipados, que são preparados para a sociedade e que através desta prática estejam preparados para inferir no social de maneira revolucionária e crítica.

Sendo assim, pautado na teoria do professor reflexivo, nos preocupamos em pensar em uma metodologia que abarcasse em sua fundamentação todos os pressupostos desta prática pedagógica, a autorreflexão, as percepções do avanço teórico-científico do aluno, suas preocupações, o impacto e a empregabilidade social do que é estudado. Deste modo, escolhemos a Metodologia de Projeto de Trabalho Docente-Discente (Gasparin, 2013), desenvolvida através do método proposto por Saviani (2013), a Pedagogia Histórico-Crítica, para servir de arcabouço teórico-metodológico para a proposta de atividade.

Neste método desenvolvido por Saviani (2013), ele compreende a Pedagogia Histórico-Crítica como uma proposta para uma Educação verdadeiramente crítica

e revolucionária, proposta para se desvencilhar da educação burguesa, que se obtém a emancipação política, onde a formação é compreendida apenas de forma organizacional para o bom funcionamento da “democracia” ou então a preponderância dos mais ricos, formando cidadãos que seguem o que é posto.

Na Pedagogia Histórico-Crítica a emancipação é humana, visando formar indivíduos livres, revolucionários, críticos e capazes de socializar tudo que se produz, material ou imaterialmente, trabalhando conjuntamente para desenvolver uma sociedade livre e verdadeiramente social, superando assim conceitos burgueses e capitalistas.

“Trabalho” é um dos conceitos chave para se compreender a Pedagogia Histórico-Crítica, Saviani se apoia em Marx para desenvolver sua teoria. Em “O capital”, Marx exprime a importância do trabalho para toda a sociedade:

O processo de trabalho, que descrevemos em seus elementos simples e abstratos, é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1968, p. 208).

Desta forma, a sociedade é o que é, pelo trabalho que a constituiu durante os séculos. Nisso, Saviani (2013) atribui a importância da presença do trabalho no desenvolvimento conceitual da atividade docente, pois atualmente os docentes desenvolvem seu trabalho de forma alienada, formando sempre indivíduos no viés da emancipação política e não humana, trabalhando assim de encontro com o ideal burguês e não em sua contramão.

No plano da consciência, as características essenciais da educação, que se fazem presentes em sua prática há séculos e que as teorias correntes, não as alcançando ou delas se afastando, acabam por desvirtuar seu sentido contribuindo para sua alienação. Eis por que afirmo que o primeiro momento do processo de elaboração de uma teoria verdadeiramente crítica é a aproximação das características estruturais do objeto, de modo a apreendê-lo em sua concreticidade. (SAVIANI, 2017, p. 718).

Se desvencilhando e superando a alienação que o trabalho na sociedade capitalista cria, o docente apoiado na teoria da Pedagogia Histórico-Crítica, começa a compreender:

A realização da atividade de ensino, assumir a orientação teórico metodológica da pedagogia histórico-crítica no trabalho educativo implica não somente “conhecer” a aparência da prática social, mas, sobretudo, apreender o que essa prática social realmente é, considerando esse ser em sua processualidade histórica, ou seja, em seu surgimento, desenvolvimento, estrutura atual e tendências futuras de transformação. (LAVOURA & MARTINS, 2017, p. 534).

Neste método, o docente compreende o seu fazer pedagógico de forma crítica, revolucionária e livre. Analisa a sociedade de forma crítica, desenvolvendo juntamente com seus educandos, formas de superar conceitos burgueses de vida, desenvolvendo também indivíduos não alienados e revolucionários.

Partindo deste método de trabalho proposto por Saviani (2013), Gasparin (2013) desenvolve uma metodologia para aplicação do método, a Metodologia de Trabalho de Projeto Discente-Docente. Segundo Gasparin (2013), nesta metodologia, a aprendizagem se consiste na demonstração do domínio teórico do conteúdo e no seu uso pelo aluno, em função das necessidades sociais a que deve responder. Vale ressaltar que o presente projeto não é pensado para ser apenas mais um instrumento de trabalho escolar, em que o aluno será posteriormente avaliado para passar de ano, afinal, na metodologia do trabalho Docente-Discente, o resultado que se espera é social, então parte-se do social para ensinar, visando como consequência final, o social, como bem explicado por Gasparin (2013), “o ponto de partida do novo método não será a escola [...], mas a realidade social mais ampla” (s/p), buscando atingir a totalidade da formação da identidade do indivíduo social e suas percepções acerca da diversidade, na abordagem micro as relações sociais escolares, familiares e de amigos, na macro a inserção do apreendido na escola na sociedade, focalizando um impacto de superação de preconceitos.

Esta metodologia de trabalho possui 4 etapas: a) Prática Social Inicial do Educando (resgate); b) Problematização; c) Instrumentalização; d) Prática Social Final do Educando (catarse).

Na primeira etapa, o professor através de debates, atividades previamente elaboradas, roda de conversa ou qualquer outro método de sua escolha deve avaliar em qual nível os educandos estão acerca do que será debatido, para então, a partir deste nível, passar para a próxima fase.

Na etapa seguinte, o docente coloca o educando em contradição, que segundo Gasparin (2013), tem como finalidade selecionar as principais interrogações levantadas na prática social a respeito de determinado conteúdo, que através da reflexão do conteúdo em sua forma abstrata, repensará suas primeiras percepções acerca do conceito.

Na terceira etapa, o conhecimento historicamente sistematizado acerca do assunto é posto à disposição do educando, para que assimilem, recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal, profissional e social.

Na última etapa, consiste na verdadeira apropriação do saber por parte dos educandos (interiorização), na qual eles assumem uma nova postura mental que consequentemente influenciará nas suas práticas sociais

Pela presente metodologia ser pautada em ideais que vão na contramão do sistema educacional capitalista e burguês, ela não se consiste como uma receita pedagógica do trabalho docente, sendo assim, é impossível lançar aqui o que os professores devem fazer, mas por se constituir de um artigo científico que visa exemplificar a possibilidade de trabalho pedagógico, os autores irão ilustrar uma das milhares possibilidades de trabalho que este projeto e esta metodologia oferecem.

O tema da atividade a ser desenvolvida é: Variação linguística e preconceito linguístico. Com este tema, visamos demonstrar e desenvolver com os alunos: o que é e como funciona o preconceito linguístico inserido no contexto da variação sistemática (conjunto de valores históricos e sócio-culturais) e da variação coerente (de acordo com a gramática), que envolve a identidade social do locutor

e da língua, além é claro de oferecer subsídios aos alunos para a compreensão da variação e desenvolver coletivamente o sentimento de valorização da língua como um todo, compreendendo suas origens e evolução.

Logo abaixo, encontra-se o projeto de trabalho traçado pelos autores pautado na metodologia de trabalho docente-discente proposto por Gasparin (2013). O plano traz brevemente um roteiro de trabalho com os educandos, sendo facilmente adaptado e ainda modificado, a depender de necessidade dos mesmos. Com base nas análises docente das etapas, o mesmo pode retomar ou voltar em uma etapa anterior se julgar necessário, visando o desenvolvimento dos educandos como um todo. A atividade foi pensada para ser desenvolvida com uma turma o 9º ano do ensino fundamental II, visto que já possuem em sua formação uma apropriação do conhecimento científico suficiente para o desenvolvimento da atividade.

**I. Prática Social Inicial do Educando (resgate):** Realizar um questionário investigativo, pretendendo compreender em que nível do conhecimento científico o educando está. O questionário será realizado através de debate instigado por perguntas-chave pelos professores, em seguida a sala montará coletivamente um cartaz com as ideias que mais se repetem na turma e cada aluno escreverá um roteiro de respostas próprio, para que o docente tenha subsídios para analisar coletivamente e individualmente.

**II. Problematização:** Neste momento o docente irá trazer para aula alguns textos, poemas, poesias, notícias, tirinhas, vídeos, filmes, músicas, todo o material que ele tiver acesso e que está disponível para utilização, visando colocar os alunos em contradição acerca do que foi debatido anteriormente e mostrar como o preconceito linguístico atinge negativamente toda a sociedade.

**III. Instrumentalização:** Neste passo os discentes terão a aula teórica propriamente dita sobre variação e preconceito linguístico. É nesse momento que o professor vai dar subsídios científicos para que os alunos se apropriem do conhecimento para superação das ideias iniciais e da contradição traga pelo professor.

**IV. Prática Social Final do Educando (catarse):** Por fim, chega-se à avaliação de todo o processo de desenvolvimento teórico-científico, onde será proposta uma atividade coletiva, individual, em dupla etc, o que a sala achar melhor e o que melhor caber no que foi desenvolvido durante os dias. A avaliação deve ser feita de maneira que o discente mostre que compreendeu a teoria e a aplicação do conhecimento apropriado na sociedade, realizando assim a superação das ideias iniciais.

Em seguida, explicitaremos o desenvolver da atividade. O roteiro de perguntas pensado pelos autores para a primeira etapa – resgate – é o seguinte:

- 1- Vocês acreditam que existe uma maneira correta e uma maneira errada de falar? Por quê?
- 2- O caipira fala errado? Por quê?
- 3- Vocês conhecem o significado de variação linguística? E preconceito linguístico?

- 4- Vocês acreditam que para quem não conhece a forma culta do português pode ser prejudicado de alguma forma? Por quê?
- 5- O que vocês pensam e sentem ao ouvir a seguinte afirmativa: “brasileiro não sabe falar português correto, só portugueses falam bem o português”

Espera-se que o docente lance essas perguntas de maneira descontraída, como forma de roda de conversa ou debate. Após todos darem sua contribuição para o debate, o professor juntamente com os alunos irá construir um cartaz com as ideias iniciais mais comuns entre os alunos. Por exemplo: a maioria dos alunos acredita que existe uma maneira correta e uma errada de se comunicar; a maioria acredita que o caipira fale errado etc. Concomitantemente solicitará para que os educandos realizem um roteiro de respostas próprio para entregar ao docente, para que este tenha subsídios o suficiente para analisar as ideias dos alunos coletiva e individualmente, possibilitando uma análise micro e macro da situação e do nível do conhecimento social do discente.

Na segunda etapa, o docente irá expor os alunos à realidade social e cultural da língua, os autores separaram os seguintes mecanismos:

**Poesia:** Caipira.

Descurpe mais eu vô dizê,	E fico meio vexado
Num posso ficá calado,	Si tô perto de ocê
Só quero que ocê me escute	
Senta aqui do meu lado	Por isso eu tô assim
	Andano pra là e pra cá,
Num tenho leitura nenhuma	Sabe aquela flô que te dei ?
Num sei lê, nem escrevê,	Foi a forma que encontrei
Falo meio atropaiado	pra podê te declará.

Joaquim Gomes Alves.

(Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTg1NzAwNQ/>> acessado em 31 de mar. de 2019).

**Vídeo da Música:** Cuitelinho.

Cheguei na beira do porto

Onde as ondas se espáia

As garças dá meia volta

E senta na beira da praia

E o cuitelinho não gosta

Que o botão de rosa caia, ai,

ai, ai

Aí quando eu vim da minha

terra

Despedi da parentaia

Eu entrei no Mato Grosso

Dei em terras paraguaia

Lá tinha revolução

Enfrentei forte bataia, ai, ai, ai

A tua saudade corta

Como aço de navaia

O coração fica aflito

Bate uma, a outra faia

Os zóio se enche d'água

Que até a vista se atrapaia, ai,

ai, ai

Pena Branca e Xavantinho.

(Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/pena-branca-e-xavantinho/48101/>>

acessado em 31 de mar. de 2019. Vídeo da música disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=E3Uaqd4CCR8>> acessado em 31 de mar. de 2019).

Notícias:



20/07/2016 12:41 - Atualizado em 20/07/2016 12:42

**Médico debocha de paciente na internet: 'Não existe pleumonia'**

Médico e duas funcionárias foram afastados após postagem em rede social. Guilherme Capel disse que não teve intenção de ofender e pediu desculpas.

(Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-pleumonia.html>> acessado em 31 de mar. de 2019).



**Bolsonaro critica questão do Enem e diz que em 2019 vai 'tomar conhecimento da prova antes'**

Presidente eleito comentou questão do Exem deste ano sobre 'leleto secreto' de gays e travestis. Segundo ele, futuro ministro da Educação deve entender que Brasil é país conservador. Sobre Moro, disse que futuro ministro antes 'pescava com varinha' no combate à corrupção e agora vai 'pescar com rede de arrastão'.

(Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/09/bolsonaro-critica-questao-do-enem-2018-e-diz-que-em-2019-vai-tomar-conhecimento-da-prova-antes.ghtml>> acessado em 31 de mar. de 2019).

Tirinha:



(Disponível em: <<https://wordsofleisure.com/2013/10/15/tirinha-do-dia-chico-bento-e-o-portugues/>> acessado em 31 de mar. de 2019).

O objetivo de trazer todos estes mecanismos é de colocar os alunos em contradição e expor a existência da variação linguística e, como o preconceito linguístico decorrente do pressuposto de “falar certo” e “falar errado”, pode ser prejudicial para a sociedade, fazendo assim que os educandos reflitam suas respostas no momento do resgate.

Esse segundo momento da aula também é pautado em muitos debates e conversas, o professor deve instigar dúvidas e sempre colocar o aluno em contradição com o discurso da fase anterior do próprio educando, ocorrendo a desconstrução de pré-conceitos iniciais e seguir em caminho da construção e da apropriação do conceito trabalhado na aula.

Na terceira etapa, entra-se a aula teórico-científica propriamente dita. O professor vai desenvolver o conceito da variação e preconceito linguístico com o educando. Apresentando os aspectos culturais e históricos para contemplar a variação sistemática e a variação do ponto de vista gramatical (variação coerente), para que assim, o educando compreenda a variação em sua totalidade, a sua empregabilidade na sociedade e seus fundamentos científicos.

A aula sobre o preconceito linguístico está atrelada com a aula da variação sistemática e coerente, pois nas duas perspectivas o preconceito ocorre, não existe uma dicotomia e nem duas faces do preconceito, pois ele está intrínseco nas duas perspectivas, uma complementa a outra.

Na última fase, o docente entra no momento de solicitar a objetivação do conhecimento historicamente apropriado pelo aluno, avaliando se houve ou não a superação das ideias iniciais, além ainda de observar a desconstrução e construção social do aluno, visando a aplicabilidade do conhecimento apropriado na sociedade, pautado na emancipação humana e contra o viés burguês da aula propedêutica para o mundo do trabalho.

Ao final do desenvolvimento, o educando deve possuir condições de perceber os nuances do preconceito linguístico e lidar com ele de maneira crítica e revolucionária, melhorando assim a sociedade e diminuindo as opressões que envolvem a língua.

A fim de elucidar e exemplificar uma das propostas de objetivação, o docente pode combinar junto com os alunos uma avaliação para que eles possam demonstrar ao professor a apropriação do conhecimento, por se tratar de uma aula de português pode-se solicitar, uma redação, um teatro, uma música ou se o professor tiver a liberdade, realizar em uma das aulas de português uma intervenção na sociedade. O docente pode levar os alunos em um local da cidade que tenha um grande fluxo de pessoas, colocar cartazes espalhados e pedir para os alunos explicarem a quem interessar o que é variação e o que é preconceito linguístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem elucidado pelos autores, é nítida a existência, o desenvolvimento e a evolução da dicotomia mais presente na Educação: a educação dos donos dos meios de produção e a educação para o proletariado. Nessa configuração, existem traços de opressões e até mesmo de reprodução de preconceitos dentro do próprio sistema de ensino. Um desses preconceitos desenvolvidos dentro da escola é o preconceito linguístico.

Em trabalho anterior publicado na Revista Mosaico, v. 17, n. 1 (2018), Blundi e Nardelli, investigaram as relações entre a educação capitalista e o preconceito linguístico, essa pesquisa encerra a análise dos pesquisadores com uma proposta

de atividade visando superar o preconceito linguístico desenvolvido pela educação capitalista, pautada em uma metodologia que trabalha na contramão da emancipação política, visando a emancipação humana.

Deste modo, ao desenvolver o tema de preconceito linguístico concomitantemente com uma aula didática de variação linguística, pautada na metodologia de trabalho docente-discente proposto por Gasparin (2013), a emancipação humana ocorre de maneira científica e natural, a quebra de preconceitos e pré-conceitos é desenvolvida, ancorada em uma base sistêmica e científica. A metodologia desenvolvida pelo autor anteriormente citado, é pensada para haver mudanças na sociedade, coletivamente, e não apenas para que haja uma apropriação do conhecimento pelo educando, favorecendo uma sociedade menos preconceituosa, com menos opressões, isto é, mais humanizada, coletiva e preparada para a diversidade e a diferença.

Os autores ressaltam que o presente artigo não se configura enquanto uma receita pedagógica, mas sim enquanto um produto de inúmeras análises e reflexões acerca da Educação e que propõe uma metodologia para superação de todas as problemáticas debatidas no primeiro artigo – anteriormente publicado – e no aqui desenvolvido.

Desta forma, fica indicado pelos autores, que antes da apropriação do que foi desenvolvido neste artigo, que os interessados se aprofundem melhor no método da pedagogia histórico-crítica de Saviani, desenvolvido nos livros: “Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações” e “Da inspiração à formulação da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC): os três momentos da PHC que toda teoria verdadeiramente crítica deve ter” (2013; 2017), e da metodologia de trabalho docente-discente, desenvolvida no livro: “Uma didática para a pedagogia histórico-crítica”, de Gasparin (2013), visando uma prática pedagógica mais consistente e coerentes.

A fim de finalizar, o papel da metodologia de trabalho docente-discente de Gasparin (2013), se centra no envolvimento do educando com conceitos científicos em sua totalidade, perpassando pela reflexão de sua utilização na sociedade, visando a superação de algum impedimento para o desenvolvimento de uma sociedade humanizada, coletiva e desconstruída.

# A proposal for a teaching methodology based on human emancipation: philosophical and linguistic foundations for the treatment of linguistic variation and linguistic prejudice

## ABSTRACT

The following article aims to propose didactic activity based on a methodology that works with human emancipation, aiming at overcoming linguistic prejudice and treating the variation and linguistic change in the classroom. To this end, the authors used the studies of authors such as: MARX (1968); CHAUÍ (1999); GARCIA (2012); SAVIANI (2013;2017); GASPARIN (2013); BLUNDI, NARDELLI (2018), in others. The problem that guided the research is: how to overcome the linguistic prejudice reproduced in capitalist education through the teaching-student work methodology proposed by Gasparin (2013)? It is expected that with this article teachers of the public and private network can reflect their own pedagogical practice and try to appropriate themselves, through available teaching methodologies that are beneficial to the development of the broadly, scientifically, systemically and socially educated.

**KEYWORDS:** Capitalist education; teaching methodology; linguistic prejudice; linguistic variation.

## REFERÊNCIAS

BLUNDI, B. A. S. ; NARDELLI, A. J. S. . Linguagem, poder e sociedade: a educação capitalista e o preconceito linguístico. *Revista Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 17, p. 458, 2018.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.

GARCIA, R. A. G. John Locke: por uma educação liberal. *Revista Histedbr*, Campinas, v. 12, n. 47, p. 363-377, 2012.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas: autores associados, 2013.

LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. The dialectic of teaching and learning in historical-critical educational activity. *Interface*, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 531-541, 2017.

MARX, K. **O capital**. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1968.

MARX K.; ENGELS F. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes; 2001.ORSO, P. J. As possibilidades e limites da educação na sociedade de classes. IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS "HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL". In: **Anais...** Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/6.10.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/6.10.pdf). Acesso em 10 jan. 2019.

SAVIANI, D. Da inspiração à formulação da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC): os três momentos da PHC que toda teoria verdadeiramente crítica deve ter. **Comunicação, Saúde, Educação**, Espírito Santo, v. 21, n. 62, p. 711-724, 2017.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados; 2013.

Recebido: 20 set. 2019  
Aprovado: 28 out. 2019  
DOI: 10.3895/rl.v21n35.10767

Como citar: BLUNDI, Breno Alves dos Santos, NARDELLI, Alex Junior dos Santos. Uma proposta de metodologia de ensino pautada na emancipação humana: fundamentos filosóficos e linguísticos para o tratamento da variação e do preconceito linguístico. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 35 p. 112-128, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

